



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

**Eixo temático: Serviço Social, relações de exploração/opressão e resistências de gênero,
feminismos, raça/etnia, sexualidades**

**Sub-eixo: Relações étnico-raciais, povos indígenas, negros/as, quilombolas,
ribeirinhos e desigualdades**

**MARIA DE LOURDES NASCIMENTO. MULHER NEGRA, ASSISTENTE SOCIAL E
INTELECTUAL NEGRA**

DOUGLAS ALVES DOS SANTOS¹

RESUMO

Maria de Lourdes Vale Nascimento, foi uma das personagens negras que tiveram suas vidas esquecidas ou não reconhecidas na história. Faz parte do grupo de mulheres marcadas pela condição racial e de gênero que levantaram bandeiras antirracistas e contra as desigualdades no Brasil desde o início do século XX. Dedicou sua vida à construção de projetos de emancipação para a população negra.

Palavras-Chave: Maria de Lourdes Nascimento, Assistente Social, Mulher negra, Intelectual negra.

ABSTRACT

Maria de Lourdes Vale Nascimento was one of the black women whose lives have been forgotten or unrecognized in history. She is part of a group of women marked by race and gender who have raised anti-racist flags and against inequalities in Brazil since the beginning of the 20th century. She has dedicated her life to building emancipation projects for the black population.

Keywords: Maria de Lourdes Nascimento, Social Worker, Black Woman, Black Intellectual.

INTRODUÇÃO

Debater sobre a epistemologia da mulher/intelectual negra é um movimento que se insere no presente texto. Partindo do lugar de uma pessoa interessada no protagonismo de mulheres negras na história brasileira, esse breve texto busca contribuir no fortalecimento da produção

¹ Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

acadêmica e de ferramentas científicas que confirmam visibilidade à trajetória de nomes apagados da história brasileira.

Além de Maria de Lourdes Nascimento, Os sinais de apagamento da produção negra são evidentes. Durante muitas décadas mulheres negras como Lélia Gonzalez (1935 -1994), Conceição Evaristo (1946 -), entre tantas outras, foram desconsideradas no debate universitário e intelectual. Raramente as bibliografias dos cursos indicam pessoas negras, mais raro ainda é que indiquem a produção de mulheres negras.

Pesquisar sobre Maria de Lourdes Nascimento, é pesquisar a história do Brasil através dos pontos de vista de uma mulher negra do pós-Abolição. Uma mulher negra, oriunda de família da classe trabalhadora, que ascendeu por meio da educação.

Maria de Lourdes Vale Nascimento é uma Assistente Social, das primeiras gerações, importante intelectual negra na história do Serviço Social brasileiro. Maria foi protagonista de uma história incrível, no estudo da música, na aposta no seu papel de educadora e no cuidado com as crianças. Migra para o Rio de Janeiro para, ao lado de Abdias do Nascimento, fundar o Teatro Experimental do Negro (1944) e se afirmar como uma intelectual reconhecida dentro da organização como liderança feminina (Xavier, 2020, p. 25). Teve um papel importantíssimo como ativista dos movimentos sociais negros.

Como jornalista, trabalhou como colunista do jornal *Quilombo: vida, problemas e aspirações do negro*, no qual assinou, entre 1948 e 1950, a coluna “Fala a Mulher”, seus textos são extremamente importantes para reconhecermos as lutas das mulheres negras nas primeiras décadas do século XX.

Pretende-se tratar esse texto como uma contribuição no reconhecimento de uma protagonista negra já nos primeiros anos de institucionalização do Serviço Social no Brasil. Sua trajetória tornou-se caminho a ser reconstituído dentro e fora da profissão. Suas reflexões, suas ideias inovadoras sobre educação, família, trabalho, gênero, raça e classe são históricas e atuais.

Esse breve texto se propõe fortalecer e dar visibilidade ao debate sobre a história dessa mulher que, ao enfrentar as lutas cotidianas contra os preconceitos e as desigualdades estruturais da sociedade brasileira, buscou ocupar seus espaços, seja como profissional, intelectual e ativista nas lutas de mulheres negras e das empregadas domésticas.

Utilizou-se pesquisa bibliográfica e documental como procedimentos metodológicos. Constou de consulta a livros e artigos sobre Maria de Lourdes Nascimento. Foram utilizadas produções acadêmicas do debate étnico-racial do Serviço Social: Matilde Ribeiro, Renata



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

Gonçalves, Márcia Eurico e Elisabete Aparecida Pinto. Também são utilizados os textos de Conceição Evaristo, Neusa Santos e Lélia Gonzalez nas reflexões sobre a formação social das sociedades na América Latina.

Por mais que as primeiras décadas do século XXI estejam marcadas pelo fortalecimento dos debates étnico-raciais nos espaços acadêmicos, as imagens hegemônicas sobre estas mulheres permanecem desassociadas da condição intelectual.

Como aponta Xavier (2020, p. 34) “as experiências de letramento de mulheres negras, como Maria, são inspiradoras para pensar o ativismo intelectual relacionado à criação de estratégias para a junção de dois mundos antagônicos nas epistemologias dominantes”.

1. MULHERES NEGRAS, SUAS HISTÓRIAS VÊM DE LONGE

As mulheres negras estão presentes como protagonistas de processos históricos e como intelectuais. Suas formulações teóricas são bastante relevantes para a compreensão da estrutura de dominação e exploração na sociedade brasileira, do período colonial aos dias atuais (Gonçalves, 2022, n.p.). Muitas deixaram um legado intelectual riquíssimo para o debate contemporâneo sobre o protagonismo das mulheres.

A formação das sociedades na América Latina foram herdeiras históricas das ideologias de classificação social (racial e sexual). Racialmente estratificadas, essas ideologias garantem a superioridade dos brancos enquanto dominantes.

Neusa Santos (1983), afirma que a sociedade escravista, ao transformar o africano em escravo, definiu o negro como raça, demarcou o seu lugar, a maneira de tratar e ser tratado, os padrões de interação com o branco e instituiu o paralelismo entre cor negra e posição social inferior.

Essa ideologia da superioridade está explícita no relato de Conceição Evaristo (2009)

Foi em uma ambiência escolar [...] que descobri com mais intensidade a nossa condição de negros e pobres [...] O prédio era uma construção de dois andares. No andar superior, ficavam as classes dos mais adiantados, dos que recebiam medalhas, dos que não repetiam a série, dos que cantavam e dançavam [...] Minhas irmãs, irmãos, todos os alunos pobres e eu sempre ficávamos alocados nas classes do porão do prédio. Porões da escola, porões dos navios (Evaristo, 2009, n.p.).

O racismo latino-americano é suficientemente sofisticado para manter negros e índios na condição de subordinados no interior das classes exploradas (Gonzalez, 1988, p. 73).

O racismo no que se refere à população negra e aos povos indígenas está enraizado na sociedade brasileira, e as razões pelas quais ele se reatualiza cotidianamente são complexas e contraditórias (Eurico, 2018, p.517).

Matilde Ribeiro (2004, p. 150) afirma que há mecanismos de exclusão social do negro em todas as esferas da vida social, e conflitando essa realidade, há também a resistência negra constituída enquanto “um dos primeiros movimentos sociais de destaque na história do país” durante o regime escravista. Como elemento de caráter estrutural, a autora aponta que há uma necessidade de inserção social dessa população sob viés político, social e econômico.

O Serviço Social também sofre as consequências do racismo e da discriminação social desde sua gênese. Segundo Elisabete Aparecida Pinto, as perspectivas teóricas adotadas pelo Serviço Social brasileiro em sua gênese e processo de profissionalização, a exemplo do positivismo, do funcionalismo e das teorias norte-americanas, demarcaram um atendimento baseado no juízo de valor, “que orientam o agir profissional, envolvendo uma visão de homem que, por sua vez, conduz a uma maior ou menor consideração pela pessoa humana como sujeito” (Pinto, 2003).

O apagamento sistemático dos saberes produzidos por povos colonizados, com ênfase nas mulheres negras, proporciona o rebaixamento da autoestima e nega aos negros e negras a condição de sujeitos de conhecimento, por meio da desvalorização e pela imposição do embranquecimento cultural (Carneiro, 2005).

Muitas autoras negras têm em suas histórias as marcas de resistência e enfrentamento do racismo estrutural. Ao dar centralidade a este debate, nos propomos a ampliar a percepção sobre as expressões do racismo e do branqueamento cultural na formação social brasileira.

A invisibilidade de intelectuais negras/os escamoteia personagens, lutas e resistências fundamentais nos levantes e insurreições do Brasil. Em especial as mulheres negras estão ausentes como protagonistas de processos históricos e como intelectuais, cujas formulações teóricas são bastante relevantes para a compreensão da estrutura de dominação e exploração na sociedade brasileira, do período colonial aos dias atuais (Gonçalves, 2022, n.p.).

Debater sobre a epistemologia de mulheres/intelectuais negras é um movimento extremamente necessário e que se insere no presente texto. Temos que fortalecer e disseminar as histórias de lutas e vivências dessas mulheres.

2. CONHECENDO MARIA DE LOURDES VALE NASCIMENTO

Maria de Lourdes Vale nasceu no dia 02 de setembro de 1924. Nascida na cidade paulistana de Franca, a filha de Dulcineia Nascimento do Vale (13/04/1889 - 18/08/1971) e Laureano do Vale (05/03/1884 - 31/12/1967).

Dona Francelina do Vale, a bisavó paterna, que como mulher escravizada aprendeu as primeiras letras, plantou na família o apreço à escrita e o gosto pela educação. Com mãe dona de casa, quituteira, e pai militar, Maria insere-se em uma família que investiu na educação de seus filhos (Xavier, 2020).

O acesso à educação formal nos permite compreender a importância que teve esse investimento na educação de Maria de Lourdes e que teve grande relevância para sua posição como uma intelectual negra no início do século XX.

Maria de Lourdes e Abdias do nascimento, filhos respectivamente de Laureano Antonio do Vale e José Ferreira do Nascimento, eram primos. Nos anos 1940, quando já formavam um jovem casal, mudaram-se para o Rio de Janeiro, passando a compartilhar um mesmo objetivo: militar em prol do combate dos “problemas” e da realização das “aspirações” do “negro” (subtítulo do Jornal “Quilombo”) – (*Ibidem*, grifos da autora).

É possível considerar que em 1948 já estavam casados, uma vez que a escritora, nascida Maria de Lourdes Vale, assinava Maria Nascimento nas colunas do Quilombo. No expediente do jornal, no qual figurava como diretora-gerente, apresentava-se como Maria de Lourdes Vale Nascimento.

Maria ocupou vários espaços,

Estudante de música, aprendeu a tocar violino na juventude. Desenvolveu grande apreço por literatura variada. Formou-se no curso técnico de Contabilidade no Ateneu de Franca. Como leitora, frequentou bibliotecas. Assistiu a filmes, peças teatrais. Concedeu entrevistas para jornais como o Diário Trabalhista, em São Paulo e, mais tarde, Folha do Rio, do Distrito Federal. A ocupação de todos estes lugares, vistos como inesperados para mulheres de sua origem racial, possibilita desenhar Maria como uma “intelectual negra do pós-Abolição” (Xavier, 2020, p. 32-33 grifos no original).

É importante reconhecer o trabalho de Maria como uma atuação política com objetivos próprios, sem reduzi-la a acompanhante do cônjuge.

3. MULHER NEGRA, ASSISTENTE SOCIAL, ATIVISTA, JORNALISTA

Maria de Lourdes Nascimento, realizou ações diversificadas envolvendo educação, saúde e assistência social. Muitas dessas realizações se encontram registradas no seu trabalho de



Encontro Nacional de Pesquisadoras e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

colunista do jornal *Quilombo: vida, problemas e aspirações do negro*, no qual assinou, entre 1948 e 1950, a coluna “Fala a Mulher” (figura 1).

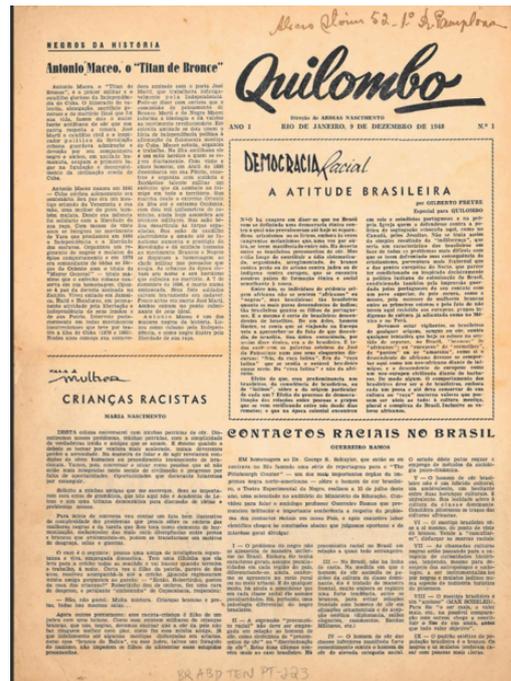


Figura 1 – Coluna Fala a mulher “CRIANÇAS RACISTAS”. Maria Nascimento, *Jornal Quilombo: vida, problemas e aspirações do negro*. Rio de Janeiro, ano I, n. 1, 09 dez. de 1948, p.8
Fonte: ipeafro.org.br

Seus textos estabeleciam redes de relações e produziam pontos de vista sobre assuntos variados de relevância para o “alevramento cultural” de mulheres negras, como dizia Maria (Xavier, 2020, p. 32 grifos no original).

A produção escrita, à qual se dedicou com tanto afinco e a atuação no Teatro Experimental do Negro (Fundado em 1944) confirmam seu papel como autora de um projeto de educação, centrado na vida e nos saberes de “patrícias de cor”, como, carinhosamente, referia-se às suas leitoras e companheiras de jornada. Muito provavelmente deve ter sido a primeira colunista negra da cidade do Rio de Janeiro e uma das primeiras do Brasil. Sua escrita é relevante para compreendermos as características específicas do trabalho de intelectuais negras na primeira metade do século XX no país.

Nos anos 1940, ao lado de Ruth de Sousa, Léa Garcia, Guiomar de Mattos e outras defensoras da regulamentação do trabalho doméstico, a assistente social debateu e tomou para si



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

a tarefa de criticar o passado de memórias amargas que as domésticas negras guardavam da escravidão, marcado por precárias condições de trabalho,

É inacreditável que numa época em que tanto se fala em justiça moral possa existir milhares de trabalhadoras como as empregadas domésticas, sem horário de entrar e sair no serviço, sem amparo na doença e na velhice, sem proteção no período de gestação e post-parto sem maternidade, sem creche para abrigar seus filhos durante as horas de trabalho. Para as empregadas domésticas o regime é aquele mesmo regime servil de séculos atrás, pior do que nos tempos da escravidão (Nascimento, *Jornal Quilombo*, n.4, p.3, jul. 1949).

Maria denuncia que além do aspecto econômico, existe a violência moral sofrida pelas trabalhadoras domésticas que eram vítimas frequentes de desprestígio e controle policial, muitas vezes ao invés da carteira profissional, as domésticas eram fichadas na polícia tendo o pré-julgamento que toda doméstica era uma ladra, “e assim mesmo nossa Constituição fala em dignidade do trabalho” (Nascimento, 1949), enfatiza em sua coluna no jornal *Quilombo*.

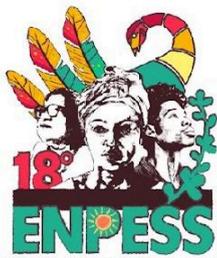
Maria e suas companheiras refletiam sobre si próprias. Elas traziam discussões e reflexões acerca dos papéis políticos e dos problemas sociais que as afetavam,

A mulher negra sofre várias desvantagens sociais. Por causa do seu despreparo cultural, por causa da pobreza da nossa gente de cor, pela ausência de adequada educação profissional. Não vamos desconsiderar ainda como fator de inferioridade social desfrutada pela mulher negra, o preconceito de cor existente entre nós e cuja análise não interessa diretamente a estas palavras que estou dirigindo a todas vocês que aqui acorreram para o ato de instalação do departamento feminino do Teatro Experimental do Negro (Nascimento, *Jornal Quilombo*, n.9, p.4 mai. 1950c).

Problemas estruturais como pobreza, ausência de educação profissional e preconceito contribuíram para suas concepções de ativismo intelectual no pós-Abolição. Período no qual mulheres negras enfrentavam condições profissionais extremamente precárias, conforme escreveu na reportagem com alarmante título “Precisam-se de escravas”

Outro lado da questão é que ninguém parece reconhecer o direito de felicidade das empregadas domésticas. Não podem crer que uma empregada pense um dia, em casar-se, ter filhos, sua própria família, encontrar enfim, a felicidade num lar próprio. Por isso os salários são os mais ridículos que se possa imaginar. Vão de 150 a 800 cruzeiros, este último só em casos muito excepcionais. E quanto a horários de trabalho, isto nem é bom falar. A criada tem que ser a primeira a se levantar e só conseguem folga quando os patrões já se saciaram dos seus serviços, bem alimentados, sossegados (Nascimento, *Jornal Quilombo*, n.6, p.9, fev. 1950a).

Em maio de 1950, Maria Nascimento participa de uma mesa de debates com Guerreiro Ramos, Dra. Guiomar Ferreira de Mattos (advogada defensora dos direitos das domésticas) e Mercedes Batista (primeira bailarina negra do Theatro Municipal do Rio de Janeiro). Na ocasião,



Encontro Nacional de Pesquisadoras e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

Maria Nascimento, alertou a plateia sobre o “despreparo cultural”, a “pobreza” e a “falta de educação profissional” como fatores da “inferioridade social desfrutada pela mulher negra” (Xavier, 2018, n.p. grifos da autora).

A originalidade do ativismo intelectual de Maria frente à permanente supressão das ideias políticas de mulheres negras, trouxe a discussão de propostas inovadoras, como a do Conselho Nacional de Mulheres Negras (figura 2), em 1950, no Teatro Experimental do Negro.



Figura 2 – Coluna Escreve a Mulher “O Conselho Nacional de Mulheres Negras”. Maria Nascimento, Jornal Quilombo, n.7-8, mar-abr. 1950
Fonte: ipeafro.org.br

A instalação do Conselho Nacional de Mulheres Negras, projetado por Maria Nascimento, objetivava promover “a integração da mulher de cor na vida social” (grifos da autora), como podemos observar as palavras de Maria de Lourdes à época

[...] o movimento, disse-nos D^a Maria não se restringe a um movimento feminista de caráter formal. Tem um objetivo mais sério, pois luta por um princípio humano, de integração na vida social da mulher negra. Por seu levantamento cultural, por seu aprimoramento

eugênico, enfim, pela conquista da sua dignidade enquanto mulher (Nascimento, 1950 – entrevista à Folha do Rio apud Xavier, 2020, p. 55-56).

Seu trabalho à frente do Conselho mostra como as mulheres negras foram afetadas pelas intersecções de gênero, raça e classe e buscaram soluções para eliminá-las por meio de ações dentro da própria comunidade.

As ações pedagógicas propostas pelo Conselho Nacional de Mulheres Negras são parte de um contexto relacionado às lutas históricas da população negra pelo acesso à educação.

Entre as propostas do Conselho Nacional de Mulheres Negras, destacam-se a criação de uma associação para as empregadas domésticas, de cursos de alfabetização e orientação materna, oferta de assistência jurídica e de aulas de ballet e teatro infantis.

Maria propunha uma agenda feminina negra, com objetivo visionário a época. Como aponta hooks (2018)

Um objetivo fundamental do feminismo visionário era criar estratégias para mudar o destino de todas as mulheres e aumentar o poder individual. Para que isso fosse feito, no entanto, o movimento precisava ir muito além da pauta de direitos iguais e começar com questões básicas como campanhas pela alfabetização que atingiriam todas as mulheres, mas principalmente mulheres de grupos mais pobres (hooks, 2018, p. 159).

Maria era daquelas mulheres que adotaram “uma espécie de política identitária, uma visão de mundo que enxerga as experiências de vida das pessoas negras como um elemento fundamental para o desenvolvimento de uma consciência crítica e de estratégias políticas” (Collins, 2019, p. 333).

Além da dedicação à escrita como colunista do Quilombo e ativista na defesa das mulheres negras, Maria Nascimento, ela se destacou no Serviço de Assistência Social da Guanabara como árdua defensora da “infância negra” e sempre que tinha oportunidade apontava a educação infantil como uma das dificuldades sociais que os negros têm que enfrentar (Xavier, 2018, n.p. grifos da autora).

Manteve-se empenhada em mostrar a importância que as mulheres negras possuíam, tomava para si a tarefa de conscientizá-las para buscarem novos horizontes. Sejam em ações educativas, como os cursos de alfabetização e o jardim de infância, iniciativas profissionais na escola de artes domésticas, ou assistenciais (como a criação de abrigos), Maria procurava fortalecer suas lutas.

Em suma, Maria tinha a capacidade de transformar em texto escrito os clamores femininos por dias melhores. Usou sua perspicácia para denunciar e criticar o silêncio a que as mulheres negras estavam passíveis em espaços negros conduzidos majoritariamente por homens.

Procuramos nos limites impostos desse texto conhecer mais sobre a vida de uma mulher negra dedicada a lutar e compreender a história da formação social do Brasil através do seu ponto de vista.

Nas palavras de Xavier (2020)

Nascida quatro décadas depois da assinatura da Lei Áurea, seu pensar foi marcado por um sentimento de pertença à comunidade negra através do qual produziu importante legado relacionado a “pensar projetos” e “novos marcos civilizatórios” para a construção de um “novo modelo de sociedade”. Autora de um ativismo intelectual caracterizado pela criação permanente de ideias ligadas à valorização do “princípio humano”, suas reflexões contêm a gênese das pautas dos feminismos negros contemporâneos. Maria de Lourdes Vale Nascimento, uma feminista negra visionária (XAVIER, 2020, p.64 – grifos no original).

Maria idealizou projetos inovadores, baseados no compromisso em ações coletivas que visavam melhorar as condições de vida da população negra. Assumiu o compromisso não só de denunciar as desigualdades, mas de criar formas eficazes de combatê-las centradas na valorização da educação e do trabalho coletivo. Lutava pela integração da mulher negra na vida social, pelo seu alevantamento educacional (como ela própria dizia), cultural e econômico.

Maria de Lourdes nos deixou em 23 de maio de 1995, aos 70 anos de idade.

CONSIDERAÇÕES

O presente texto tem como objetivo fortalecer a disseminação das trajetórias de pessoas negras silenciadas e que foram importantes para história do Brasil.

Maria de Lourdes Vale Nascimento, foi uma dessas personagens negras que tiveram suas vidas silenciadas, esquecidas ou não reconhecidas na história. Mulheres marcadas pela condição racial e de gênero que levantaram bandeiras antirracistas e atuaram na transformação das possibilidades de exercício da cidadania da população negra.

Maria, foi uma mulher negra letrada com trajetória educacional e carreira transcorridas entre os anos 1930 e 1950. Seu percurso até se tornar colunista do jornal Quilombo permite acessar sentidos sobre ser uma intelectual negra da época.

Maria de Lourdes Nascimento, foi responsável por pautar muitas questões que afetam o cotidiano da população negra no Brasil à época, como por exemplo: a luta incessante pela regulamentação do trabalho doméstico (que somente foi regulamentado em 2015 no Brasil, no governo da Presidenta Dilma Roussef, embora sendo insuficiente em muitos aspectos, a legislação avançou no sentido de reconhecer as profissionais desta categoria como por exemplo a férias e décimo terceiro).



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

O trabalho intelectual de Maria de Lourdes Nascimento, reconhecida pela imprensa de sua época como “incansável lutadora” evidencia os dissensos presentes na sociedade brasileira, marcado pela resistência em aceitar que “objetos se tornam sujeitos”, evidencia também incansável trabalho intelectual de mulheres negras para “reconstituição de humanidades negadas” (Xavier, 2020 - grifos da autora).

Em vez de olhar para história de mulheres negras, exclusivamente, pelo olhar hegemônico - dor, miséria, vulnerabilidade - é importante observá-las pela potência de suas mentes e pelas suas ideias.

Por que em 2024 ainda é tão impactante ver mulheres negras expressando suas ideias? Temos que reconhecer a importância de “abrir novos parágrafos” na história do Brasil, nas palavras de Conceição Evaristo. O desafio de escrever novas histórias para o Brasil, contribuindo para nossa juventude ter a oportunidade de crescer e estudar, construindo novas e negras referências.

Temos que ocupar os espaços (acadêmicos e nas categorias profissionais) para reconhecer a história de luta das mulheres e de assistentes sociais negras/os na história. Temos que enegrecer nossas referências. Torná-las visíveis e difundir seus pensamentos (Santos, 2020).

Maria, como tantas outras mulheres negras, dedicaram suas vidas ao trabalho intelectual com vistas à construção de projetos de emancipação para a população negra. Publicizar sua história é visibilizar as interpretações de Maria sobre as desigualdades raciais e de gênero na formação social do Brasil.

Querida, Maria de Lourdes Nascimento, receba o reconhecimento de sua habilidade e talento em proteger os interesses das mulheres negras no Brasil.

Gratidão, por existir, lutar e resistir!

REFERÊNCIAS

CARNEIRO, Sueli. **A construção do outro como não- ser como fundamento do ser**, Tese de doutorado em Educação, São Paulo, Universidade de São Paulo, 2005.

COLLINS, P. H. **Pensamento feminista negro: conhecimento, consciência e a política do empoderamento**. São Paulo: Boitempo, 2019.

EURICO, Márcia Campos. **A luta contra as explorações/opressões, o debate étnico-racial e o trabalho do assistente social**. Serviço Social e Sociedade. [online]. 2018, n.133. Disponível em:



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

<<https://www.scielo.br/j/sssoc/a/M6LN5kSVxDzLNYWtkTxqvBc/?format=pdf&lang=pt.>> Acesso em: 30 ago. 2024.

EVARISTO, Conceição. **Conceição Evaristo por Conceição Evaristo**. In: *Colóquio de Escritoras Mineiras*, 2009, Belo Horizonte.

GONÇALVES, R. (2022). **Currículo Lattes** - Renata Cristina Gonçalves dos Santos. <http://lattes.cnpq.br/5565481668827333>.

GONZALEZ, Lélia. **A categoria político-cultural de amefricanidade**. In: *Tempo Brasileiro*. Rio de Janeiro, Nº. 92/93 (jan./jun.). 1988, p. 69-82.

hooks, b. **O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2018.

NASCIMENTO, Maria. "**Crianças Racistas**". Coluna "Fala a Mulher", *Jornal Quilombo: vida, problemas e aspirações do negro*. Rio de Janeiro, ano I, n. 1, p.8 dez. 1948. Disponível em: https://issuu.com/institutopesquisaestudosafrobrasile/docs/jornal_quilombo_ano_i_n1?embed_cta=embed_badge&embed_context=embed&embed_domain=ipeafro.org.br&utm_medium=referral&utm_source=ipeafro.org.br&embed_id=2653076%2F31607574. Acesso em: 30 ago. 2024.

NASCIMENTO, Maria. "**O Congresso Nacional de Mulheres e a regulamentação do trabalho doméstico**". Coluna "Fala a Mulher", *Jornal Quilombo: vida, problemas e aspirações do negro*. Rio de Janeiro, ano I, n. 4, p.3 jul. 1949. Disponível em: https://issuu.com/institutopesquisaestudosafrobrasile/docs/jornal_quilombo_ano_i_n4?embed_cta=embed_badge&embed_context=embed&embed_domain=ipeafro.org.br&utm_medium=referral&utm_source=ipeafro.org.br&embed_id=2653076%2F31608707. Acesso em: 30 ago. 2024.

NASCIMENTO, Maria. "**Precisam-se de escravas**". Coluna "Fala a Mulher", *Jornal Quilombo: vida, problemas e aspirações do negro*. Rio de Janeiro, ano II, n. 6, p.9 fev. 1950a. Disponível em: https://issuu.com/institutopesquisaestudosafrobrasile/docs/jornal_quilombo_ano_ii_n6?embed_cta=embed_badge&embed_context=embed&embed_domain=ipeafro.org.br&utm_medium=referral&utm_source=ipeafro.org.br&embed_id=2653076%2F31608986. Acesso em: 30 ago. 2024.

NASCIMENTO, Maria. "**O Conselho Nacional de Mulheres Negras**". Coluna "Escreve a Mulher", *Jornal Quilombo: vida, problemas e aspirações do negro*. Rio de Janeiro, ano II, n. 7-8, p.4 mar-abr. 1950b. Disponível em: https://issuu.com/institutopesquisaestudosafrobrasile/docs/jornal_quilombo_ano_ii_n7-8?embed_c



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

ta=embed_badge&embed_context=embed&embed_domain=ipeafro.org.br&utm_medium=referral
&utm_source=ipeafro.org.br&embed_id=2653076%2F31609037. Acesso em: 30 ago. 2024.

NASCIMENTO, Maria. **Instalado o “Conselho Nacional das Mulheres Negras”**. Jornal
Quilombo: vida, problemas e aspirações do negro. Rio de Janeiro, ano II, n. 9, p.4 mai. 1950c.

Disponível em:

https://issuu.com/institutopesquisaestudosafrobrasile/docs/jornal_quilombo_ano_ii_n9?embed_cta=embed_badge&embed_context=embed&embed_domain=ipeafro.org.br&utm_medium=referral&utm_source=ipeafro.org.br&embed_id=2653076%2F31607270. Acesso em: 30 ago. 2024.

PINTO, E. A. **O Serviço social e a questão étnico-racial: um estudo de sua relação com usuários negros**. Editora Terceira Margem, 2003.

RIBEIRO, M. As abordagens étnico-raciais no Serviço social. **Serviço Social e Sociedade**, n. 79, pp.148-16, set-nov. Cortez, 2004

SANTOS. D. A. **Resistência negra, histórias de lutas das mulheres**. In: Anais do I Simpósio – Serviço Social e Relações étnico-raciais – UNIFESP. Santos, 2020.

SOUZA, Neusa Santos. **Tornar-se negro: as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1983.

XAVIER, G. **Maria de Lourdes Vale Nascimento: uma intelectual negra do pós-Abolição** [livro eletrônico] / Giovana Xavier. – Niterói: Eduff, 2020. – 5,8Mb; PDF. – (Coleção Personagens do pós-abolição: trajetórias, e sentidos de liberdade no Brasil republicano, v. 5)

XAVIER, G. **Maria de Lourdes Vale Nascimento: uma intelectual negra do pós-abolição**.

Biblioteca Consuelo Pondé. Salvador: Arquivo Estadual da Bahia, 2018. Disponível em:

<http://www.bvconsueloponde.ba.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=196>. Acesso em: 30 ago. 2024